

“HABITUOU-SE À MORTE COMO FORMA DE VIDA”: A CONDIÇÃO FEMININA DA MULHER NEGRA EM “DUZU-QUERENÇA”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

“GET USED TO DEATH AS A FORM OF LIFE”: THE FEMININE CONDITION OF THE BLACK WOMAN IN “DUZU-QUERENÇA”, BY CONCEIÇÃO EVARISTO

Flávio Pereira Camargo¹

Lorrany Andrade da Cruz Dourado²

Em meio ao medo instalado e à necessária coragem, ensaiamos movimentos ancorados na recordação das proezas antigas de quem nos trouxe até aqui. E, apesar das acontecências do banzo, seguimos. Nossos passos vêm de longe... Sonhamos para além das cercas. O nosso campo para semear é vasto e ninguém, além de nós próprios, sabe que também inventamos a nossa Terra Prometida. É lá que realizamos a nossa sementeira. Em nossos acidentados campos – sabemos pisar sobre as planícies e sobre as colinas – a cada instante os nossos antepassados nos vigiam e com eles aprendemos a atravessar os caminhos das pedras e das flores. É deles também o ensinamento que as motivações das flores são muitas. Elas cabem no quarto da parturiente, assim como podem ser oferendas para quem cumpriu a derradeira viagem...

Conceição Evaristo (2017, p. 111)

¹ Professor Associado de Literatura Brasileira da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, com atuação na Graduação em Letras e na Pós-Graduação em Letras e Linguística. E-mail: flaviocamargo@ufg.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5015485726957185>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9116-2432>

² Mestra em Estudos Literários pelo Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás. E-mail: lorranvandrade005@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6720218824631617>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1647-2582>

RESUMO

Neste artigo temos como objetivo analisar a condição feminina da mulher negra no conto “Duzu-Querença”, de *Olhos d’água* (2014), de Conceição Evaristo. Nele, acompanhamos a trajetória de Duzu, personagem vítima de uma série de violências em uma vida em que escolhas lhe foram tiradas. Essas opressões estruturais sofridas por ela, tais como o racismo, o sexismo e o classicismo, estão relacionadas ao colonialismo (KILOMBA, 2019). Assim, os textos de Evaristo, permeados pelas suas escrevivências, são denúncias contundentes da marginalização social, da discriminação e das violências que fazem parte da vida da população negra no país, especialmente, das mulheres negras.

Palavras-chave: escrevivências, mulheres negras, opressões estruturais.

ABSTRACT

In this article we aim to analyze the female condition of the Black woman in the short story "Duzu-Querença", from *Olhos d’água* (2014), by Conceição Evaristo. In it, we follow the trajectory of Duzu, a character victim of a series of violences in a life in which choices were taken from her. These structural oppressions, such as racism, sexism and classicism, are related to colonialism (KILOMBA, 2019). Thus, Evaristo's texts, permeated by her escrevivências, are forceful denunciations of the social marginalization, discrimination and violence that are part of the life of the Black population in the country, especially Black women.

Keywords: escrevivências, Black women, structural oppressions.

Como diz Conceição Evaristo na epígrafe, os movimentos ensaiados pela coletividade negra são ancorados nos que vieram antes, pois seus passos “*vêm de longe*”; os antepassados vigiam seus descendentes e esses aprendem a atravessar “*os caminhos das pedras e das flores*” com a sabedoria dos antigos. Dessa forma, destaca-se a importância da ancestralidade. Além disso, a memória ancestral do povo negro é marcada pelas “*acontecências do banzo*”, ou seja, acontecimentos de um passado doloroso. Nesse sentido, Davi Nunes (2018)³ define o banzo como um estado de espírito negro, no sentido de “*síntese profunda de uma existência moída em dor por uma estrutura social, política e econômica aterrorizadora*” (NUNES, 2018). Essa estrutura

³ Disponível em:

https://www.geledes.org.br/banzo-um-estado-de-espirito-negro/?gclid=CjwKCAjwuqiiBhBtEiwATgvixJRHclYf1D5W5L8jo32UFW3mSHtQUOZYncdXzpauqUs6LVqtBwdYchoCJboQAvD_BwE. Acesso em: 27 abr. 2023.

aterrorizadora está enraizada na sociedade brasileira, devido ao processo de escravização empreendido pelo colonialismo português, o qual ocasionou a discriminação, a marginalização social e as violências sofridas pela população negra até hoje.

Nessa perspectiva, Abdias Nascimento (2017) discorre sobre o brutal processo de colonização portuguesa no Brasil, que, por vários meios, praticou o genocídio de pessoas negras, de suas culturas e religiões através de um racismo mascarado:

o ponto de partida nos assinala a chamada ‘descoberta’ do Brasil pelos portugueses, em 1500. A imediata exploração da nova terra se iniciou com o simultâneo aparecimento da raça negra, fertilizando o solo brasileiro com suas lágrimas, seu sangue, seu suor e seu martírio na escravidão. (NASCIMENTO, 2017, p. 57)

A aristocracia branca foi a única beneficiária dos frutos do trabalho escravo. Ademais, em 1888, após a abolição da escravatura, o Estado estabeleceu várias leis a fim de impedir a mobilidade social de pessoas negras, assim como não criou nenhuma ação para a sua inclusão social. Como diz Ribeiro (2018), no Brasil, após os quase quatro séculos de escravidão, em que a população negra trabalhou para enriquecer a branca, houve o incentivo da vinda de imigrantes europeus. Esses receberam uma ajuda inicial do governo, como trabalho renumerado e terras. Logo, se seus descendentes desfrutam de uma realidade confortável hoje, é graças a isso. Por outro lado, “para a população negra, não se criou mecanismos de inclusão. Das senzalas fomos para as favelas. Se hoje a maioria da população negra é pobre é por conta dessa herança escravocrata” (RIBEIRO, 2018, p. 72-73).

Essa herança se perpetua por meio do racismo estrutural, como observa Silvio Almeida (2020). Segundo o autor, o racismo está enraizado na estrutura de vários âmbitos da sociedade, devido a esse processo histórico de genocídio negro. Desse modo, ao perpassar as atitudes, os costumes, a mentalidade, todo o sistema de funcionamento da nação, o racismo cria barreiras para a mobilidade social da população negra e seu acesso a espaços de poder. Ainda,

No caso do racismo institucional, o domínio se dá com o estabelecimento de parâmetros discriminatórios baseados na raça, que servem para manter a hegemonia do grupo racial no poder. Isso faz com que a cultura, os padrões estéticos e as práticas de poder de um determinado grupo tornem-se o horizonte civilizatório do conjunto da sociedade. (ALMEIDA, 2020, p. 40)

Portanto, o horizonte civilizatório da sociedade brasileira é branco e eurocêntrico. No caso das mulheres negras, as opressões estruturais, oriundas de sociedades de matriz colonial, se inter cruzam e interagem simultaneamente por meio da interseccionalidade (AKOTIRENE, 2019), pois essas questões raciais se conjugam com as de gênero. Nesse sentido, a hiper sexualização e a desumanização das mulheres negras atualmente são reflexo do seu sistemático estupro pelos colonizadores, fato exposto por Nascimento (2017).

À vista disso, como afirma Grada Kilomba (2019), as mulheres negras estão em um lugar de subalternidade ainda mais difícil de ser superado, por serem a antítese da masculinidade e da branquitude (o que ela define como *Outro do Outro*), em um modelo de sociedade patriarcal supremacista branco perpetrado pelo colonialismo. Dessa maneira, suas vozes foram silenciadas e desumanizadas por muito tempo, negando-lhes o direito à humanidade. Por outro lado, segundo Ribeiro (2019), esse “não lugar” doloroso no qual as mulheres negras se encontram (por serem vítimas de opressões inter cruzadas) pode ser igualmente um lugar de potência.

Conceição Evaristo, escritora negra brasileira, parte desse lugar de potência e quebra a ótica colonizadora tida sobre si por meio da produção literária. Sob esse viés, essas opressões estruturais analisadas se refletem nas suas escrituras. O termo “escrivência” foi utilizado pela primeira vez na dissertação de mestrado da escritora (BRITO, 1996). Ao discutir sobre a Literatura Negra, ela afirma que essa “[...] vai apresentar o **negro** como **sujeito** e **objeto** de seu **próprio discurso**, oferecendo-nos uma leitura onde o **sujeito-corpo-autor** se inscreve em sua escritura” (BRITO, 1996, p. 7, grifos da autora). Em contrapartida, na literatura brasileira canônica (dominada por homens brancos), os personagens negros são representados de modo estereotipado, como analisa Conceição Evaristo (2009). Segundo a autora, os personagens negros são vistos e representados, em sua maioria, como sujeitos afásicos ou detentores de uma linguagem estranha, incapaz de apreender o idioma *branco*. No caso das mulheres negras,

a ficção ainda se ancora nas imagens de um passado escravo, em que a mulher negra era considerada só como um corpo que cumpria as funções de força de trabalho, de um corpo-procriação de novos corpos

para serem escravizados e/ou de um corpo-objeto de prazer do macho senhor. (EVARISTO, 2009, p. 23)

A partir dessas reflexões, Evaristo (2009) defende na literatura negra “um contra-discurso à literatura produzida pela cultura hegemônica, [uma vez que] os textos afro-brasileiros surgem pautados pela vivência de sujeitos negros na sociedade brasileira [...] trazendo experiências diversificadas, desde o conteúdo até os modos de utilização da língua” (EVARISTO, 2009, p. 27).

Desse modo, a literatura hegemônica, composta principalmente por homens brancos, ao falar de e por pessoas negras, o faz de uma perspectiva colonizadora, pois não pode saber das vivências dessa população, tendo em vista seu lugar de privilégio social. Assim, em relação a essas vivências e ao inscrever-se do sujeito negro na sua escritura, Conceição Evaristo cunha o conceito de “escrevivência”:

Ele [o texto] tem uma autoria, um sujeito, homem ou mulher, que com uma subjetividade própria vai construindo sua escrita, vai inventando, criando o ponto de vista do texto. Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvencilho de um corpo-mulher-negra em vivência e que por esse ser o meu corpo, e não outro, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta. (EVARISTO, 2009, p. 18)

Dessa forma, as vivências de Evaristo, em seu corpo-mulher-negra, fazem com que seu texto literário seja traçado a partir da consciência e das particularidades de um sujeito marcado pela dupla subalternidade de ser mulher e negra em um sistema patriarcal-racista (GONZALEZ, 2020). Portanto, a “[e]screvivência surge de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre. Em que o agente, o sujeito da ação, assume o seu fazer, o seu pensamento, a sua reflexão, não somente como um exercício isolado, mas atravessado por grupos, por uma coletividade” (EVARISTO, 2020, p. 38). Essa coletividade representada na sua literatura diz respeito às vozes de pessoas negras brasileiras, de origem africana; ainda, em seus textos, há um maior foco nas personagens femininas negras, marcadas pela condição de mulher negra em uma sociedade desigual e discriminatória como a brasileira.

Esse é o caso da obra *Olhos d'água* (2014), vencedora do prêmio Jabuti em 2015, uma coletânea de quinze contos que foram publicados em diferentes momentos da

carreira da autora. O conto “Duzu-Querença”, terceiro do livro, nos apresenta a história de Duzu, uma mulher negra cuja vida (da infância até a morte) foi marcada pela exploração, pelo abuso e pela violência. A narrativa, antes de se voltar ao passado, mostra a protagonista no presente, em uma situação de mendicância:

Duzu lambeu os dedos gordurosos de comida, aproveitando os últimos bagos de arroz que tinham ficado presos debaixo de suas unhas sujas. Um homem passou e olhou para a mendiga, com uma expressão de asco. Ela lhe devolveu um olhar de zombaria. O homem apressou o passo, temendo que ela se levantasse e viesse lhe atrapalhar o caminho. (EVARISTO, 2016, p. 31)

Nesse trecho, percebemos a situação difícil e de marginalização social vivenciada pela protagonista, sem condições nem mesmo para a compra do alimento. Assim, desde o princípio, a violência está presente, já que a personagem está nesse lugar de indignidade. Porém, “o conto é permeado por um tom lírico” (PEREIRA, 2018, p. 250), pois notamos o misto de violência e ternura, até mesmo na representação de sentimentos de penúria, como a fome. Nesse sentido, é relevante trazer o conceito de *Ferocidade poética* criado pela professora Franciane Silva (2018) ao analisar a violência presente nos textos literários de escritoras afro-brasileiras, entre elas, Conceição Evaristo:

A Ferocidade Poética pode, então, ser entendida como essa possibilidade da encenação da violência em textos literários ser permeada por gestos de poeticidade. Esse lirismo intensifica o efeito do ato violento, ao mesmo tempo em que traz uma carga de ternura para aquilo que é encenado, acentuando a nossa sensibilidade, nos impelindo a refletir, de alguma forma, sobre as situações ficcionalizadas. (SILVA, 2018, p. 168)

Assim, a *Ferocidade Poética* compõe vários momentos da obra de Evaristo, como este conto. O modo como a autora constrói essas cenas de violências diversas nos toca enquanto leitores, faz com que reflitamos sobre a nossa realidade que tanto se assemelha a essas situações ficcionalizadas, nos incomoda, pois a escrita negra brasileira não é para ninar e sim, incomodar.

Vejamus esse aspecto no seguinte trecho: “Duzu olhou no fundo da lata, encontrando apenas o espaço vazio. Insistiu ainda. Diversas vezes levou a mão lá dentro

e retornou com um imaginário alimento que jogava prazerosamente à boca. Quando se fartou desse sonho, arrotou satisfeita” (EVARISTO, 2016, p. 251).

A partir de então, em um *flashback*, acompanhamos a infância da personagem, cujos pais vieram para a cidade quando ela ainda era criança, em busca de perspectivas melhores de vida:

O pai de Duzu tinha nos atos a marca na esperança. De pescador que era, sonhava um ofício novo. Era preciso aprender outros meios de trabalhar. Era preciso também dar uma vida melhor para a filha. Na cidade havia senhoras que empregavam meninas. Ela podia trabalhar e estudar. Duzu era caprichosa e tinha cabeça para leitura. (EVARISTO, 2016, p. 32)

Dessa maneira, o pai de Duzu tinha esperanças de que sua filha tivesse uma vida melhor a partir da mudança para a cidade, processo migratório comum no nosso país: deslocamentos campo-cidade em busca de oportunidades de emprego. Contudo, o que se encontra são mais dificuldades, sofrimentos e violência. Duzu “tinha cabeça para leitura” e poderia trilhar um novo caminho por meio dos estudos, entretanto, já se esperava que ela trabalhasse na casa de senhoras que empregavam meninas, explicitando a exploração do trabalho infantil de meninas negras. Descobrimos que à criança nunca foi dada a opção de estudar, ao invés disso, ela foi afastada de seus pais permanentemente e passaria a trabalhar como empregada doméstica, tendo sua mão de obra explorada ao máximo: “Duzu trabalhava muito. Ajudava na lavagem e na passagem da roupa. Era ela também quem fazia a limpeza dos quartos” (EVARISTO, 2016, p. 32).

Por conseguinte, notamos a interseccionalidade de opressões: ou seja, existe a interação simultânea de avenidas identitárias, no caso, de raça, de classe e de gênero, tendo como resultado a exploração da mão de obra feminina, negra e infantil. Duzu não teve opções. Segundo Maria do Desterro da Conceição Silva (2017, p. 50), “pode-se observar que desde muito cedo essa criança negra estava sendo oprimida, pois a ela faltou a opção de estudar, quando surge, vem acompanhada por trabalho”. A nossa sociedade brasileira, por ser de matriz colonial, patriarcal, racista e capitalista, traça várias subalternizações à personagem, uma menina negra e pobre. Como diz Carneiro (2016, p. 165), a condição do ser mulher, negra e em geral, pobre, condena “as mulheres negras a uma situação perversa e cruel de exclusão e marginalização sociais”.

No que diz respeito ao mercado de trabalho, Gonzalez (2020) aponta como as crianças negras, devido ao baixo rendimento familiar ocasionado pelo racismo (as famílias brancas pobres trabalham menos e ganham mais), entram na força de trabalho muito cedo e por isso, mal conseguem terminar o primeiro grau:

Em uma pesquisa que realizamos com mulheres negras de baixa renda (1983), constatamos que muito poucas entre nossas entrevistadas começaram a trabalhar já adultas. Migrantes na grande maioria (principalmente vindas de Minas Gerais, do Nordeste ou do interior do estado do Rio de Janeiro), e muitas vezes já tendo “trabalhado na roça”, entravam na força de trabalho por volta dos oito ou nove anos de idade para “ajudar em casa”. Desnecessário dizer que, nos centros urbanos, começavam a trabalhar “em casa de família”, além de tentarem frequentar alguma escola. Pouquíssimas conseguiram “fazer o primário”. (GONZALEZ, 2020, p. 100, grifos da autora)

Desse modo, observamos que a condição de subalternidade e exploração imposta a Duzu é comum a muitas mulheres negras no nosso país. Como as entrevistadas, a menina é migrante de uma zona rural, e começou a trabalhar ainda criança. Todavia, ao invés de trabalhar “em casa de família”, acabou em um prostíbulo e sem nem mesmo a oportunidade de tentar frequentar alguma escola. As meninas negras são vistas, no imaginário racista, como corpos a serem explorados economicamente por meios das atividades manuais.

Kilomba (2019) aborda sobre o racismo genderizado em uma situação da sua infância: depois de uma consulta com um médico, ele a chamou e propôs que ela cozinhasse, limpasse e lavasse as roupas dele e de sua família em uma viagem de férias. Como um homem branco, ele enxergou aquela jovem menina como servente: de acordo com Kilomba (2019, p. 93, grifos da autora), ele “transformou nossa relação médico/paciente em uma relação senhor/servente: de paciente eu me tornei a servente *negra*, assim como ele passou de médico a um senhor *branco* simbólico”. Logo, raça e gênero se entrelaçam e são inseparáveis, pois as construções racistas têm base nos papéis de gênero e vice-versa. A atitude de colocar a menina negra no lugar de trabalhadora doméstica só mostra como nem mesmo as crianças escapam dos estereótipos criados pelo imaginário racista colonial. Parece haver um anseio por parte desse homem branco de reproduzir a dinâmica da casa-grande e senzala: o sujeito negro,

nesse caso, interseccionado pelo racismo e pelo sexismo, como aquele que serve (independentemente da idade) ao senhor branco.

Duzu, de maneira semelhante, é vista como trabalhadora doméstica mesmo sendo apenas uma criança, sendo vítima, assim como Kilomba, do racismo genderizado. À menina negra é tirada suas opções e lhe é reservado o lugar de serva e de corpo a ser explorado:

Em “Duzu-Querença”, apresenta-se à criança a opção do trabalho doméstico ao invés da educação formal. Essa se encontra em um local longe de sua família e em condição de subalternidade, sem direito a questionar o que lhe fora imposto ou tentar se sobressair daquela situação, pois lhe faltam outras opções. Além de o trabalho infantil ser considerado crime, trata-se de uma exploração, pois a essa menina foram privados os sonhos de uma infância comum e um futuro melhor. A baixa remuneração enfatiza a exploração, como também demonstra trabalhos análogos àqueles realizados por mulheres e crianças negras na casa-grande no período escravista. (SILVA, 2017, p. 52)

Duzu, na sua ingenuidade de criança, não percebeu de início que o local onde trabalhava era um prostíbulo: “Era uma casa grande de muitos quartos. Nos quartos moravam mulheres que Duzu achava bonitas. Gostava de ficar olhando para os rostos delas” (EVARISTO, 2016, p. 32). Ela era avisada pela dona que sempre batesse nas portas antes de entrar para limpar, mas um dia foi entrando e viu um homem dormindo em cima da mulher: “Duzu ficou confusa: por que aquele homem dormia em cima da moça?” (EVARISTO, 2016, p. 33). A curiosidade da menina foi despertada e ela resolveu que algumas vezes ia entrar-entrando. Nisso, ela foi exposta a cenas de sexo explícito e ao primeiro abuso sexual:

E foi no entrar-entrando que Duzu viu várias vezes homens dormindo em cima de mulheres. Homens mexendo em cima das mulheres. Homens trocando de lugar com as mulheres. Gostava de ver aquilo tudo. Em alguns quartos a menina era repreendida. Em outros, bem-aceita. Houve até aquele quarto em que o homem lhe fez um carinho no rosto e foi abaixando a mão lentamente... A moça mandou que ele parasse. Não estava vendo que ela era uma menina? O homem parou. (EVARISTO, 2016, p. 33)

Percebemos que Duzu nunca teve escolhas: foi afastada dos pais, submetida ao trabalho infantil e exposta desde cedo à violência e à exploração, sem nem mesmo saber

onde estava e o que acontecia. Esse homem que abusou da protagonista entregou dinheiro a ela logo depois. Assim,

A forma como o homem agiu, aproveitando-se da ingenuidade da menina, demonstra que ela se encontra em uma situação de vulnerabilidade, pois além de estar desprotegida da figura de um adulto, principalmente, pai ou mãe, e sujeita às mais diversas violências, na sua ingenuidade é incapaz de perceber que se trata de atos violentos. Agradar a criança era uma maneira “carinhosa” de levá-la a situações de abusos mais violentos. (SILVA, 2017, p. 53, grifos da autora)

Na outra vez que se encontraram, o homem deu mais dinheiro e tocou os seios da menina, na próxima, ele partiu para o estupro, ou seja, ela foi levada para um abuso ainda mais violento: “Um dia o homem estava deitado nu e sozinho. Pegou a menina e jogou na cama” (EVARISTO, 2016, p. 33). Desse modo, “a condição vivida por Duzu levava-a a continuar sendo abusada, sem perceber que tudo aquilo era uma situação de violência, visto que aparentemente era bem tratada pelo agressor” (SILVA, 2017, p. 54). Como afirma Silva (2017), a sexualidade da protagonista foi vivida e descoberta de forma brutal e seu corpo é considerado objeto de exploração para a dona do bordel e os homens que ali frequentavam, ou seja, as violências praticadas contra a criança se dão a partir da relação de poder que outras pessoas detêm sobre ela, que está em uma situação de vulnerabilidade.

A partir desse momento, Duzu começou a ganhar mais e mais dinheiro até que D. Esmeraldina, a cafetina, entrou de supetão no quarto e cobrou o dinheiro da protagonista. Foi assim que

Duzu naquele momento entendeu o porquê do homem lhe dar dinheiro. Entendeu o porquê de tantas mulheres e de tantos quartos ali. Entendeu o porquê de nunca mais ter conseguido ver a sua mãe e o seu pai, e de nunca D. Esmeraldina ter cumprido a promessa de deixá-la estudar. E entendeu também qual seria a sua vida. É, ia ficar. Ia entra-entrando sem saber quando e por que parar. (EVARISTO, 2016, p. 34)

Portanto, Duzu passou de ter a sua mão de obra explorada pelo trabalho doméstico a ter seu corpo objetificado, explorado. Gonzalez (2020), ao falar sobre a mulher negra como objeto no Brasil, expõe como a sociedade colonial e escravista

contribuiu para a construção de estereótipos para as mulheres negras, como “burros de cargas” e objeto sexual:

O ditado “Branca para casar, mulata para fornicar e negra para trabalhar” é exatamente como a mulher negra é vista na sociedade brasileira: como um corpo que trabalha e é superexplorado economicamente, ela é faxineira, arrumadeira e cozinheira, a “mula de carga” de seus empregadores brancos; como um corpo que fornece prazer e é superexplorado sexualmente, ela é a mulata do Carnaval cuja sensualidade recai na categoria do “erótico-exótico”. (GONZALEZ, 2020, p. 170, grifos da autora)

Logo, a menina Duzu é vista como um corpo que é superexplorado economicamente, quando exerce a função de trabalho doméstico e, posteriormente, um corpo-objeto que fornece prazer e é superexplorado sexualmente pela Dona Esmeraldina e pelos homens que ali frequentam. A mesma dinâmica violenta acontecia com as mulheres negras no período escravista: sua sexualidade era vivida brutalmente por meio dos estupros praticados pelos senhores brancos e sua força de trabalho explorada à exaustão, de formas cruéis.

Essa situação de marginalização e violência fez com que a protagonista se habituasse “à morte como forma de vida”:

Duzu morou ali muitos anos e de lá partiu para outras zonas. Acostumou-se aos gritos das mulheres apanhando dos homens, ao sangue das mulheres assassinadas. Acostumou-se às pancadas dos cafetões, aos mandos e desmandos das cafetinas. Habitou-se à morte como uma forma de vida. (EVARISTO, 2016, p. 34)

Portanto, devido à falta de oportunidades em uma sociedade que faz da mulher negra o *Outro* do *Outro*, como diz Kilomba (2019), o que resta à Duzu é uma vida repleta de violência, em que o abuso físico e mental, o feminicídio e a exploração são cotidianos. Nesse contexto, é explícita a violência de gênero⁴ resultante da relação de poder imposta pelo patriarcado, uma vez que essas mulheres apanhavam dos homens e eram assassinadas por eles. Conforme Silva (2017p.), “no caso de Duzu, mulher, pobre, negra, prostituída, seu corpo serve tão somente à satisfação do desejo frequentemente

⁴ Segundo Teles e Melo (2017), “o conceito de violência de gênero deve ser entendido como uma relação de poder de dominação do homem e de submissão da mulher. Ele demonstra que os papéis impostos às mulheres e aos homens, consolidados ao longo da história e reforçados pelo patriarcado e sua ideologia, induzem relações violentas entre os sexos e indica que a prática desse tipo de violência não é fruto da natureza, mas sim do processo de socialização das pessoas”.

associado às práticas violentas”, colocando-a em uma situação de extrema marginalização social. A herança colonial é o passado que persiste: “a mulher negra desempenha um papel altamente negativo na sociedade brasileira dos dias de hoje, dado o tipo de imagem que lhe é atribuída ou dadas as formas de superexploração e alienação a que está submetida” (GONZALEZ, 2016, p. 412).

Duzu teve nove filhos e vários netos, espalhados “pelos morros, pelas zonas e pela cidade” (EVARISTO, 2016, p. 34). De acordo com Santos (2018, p. 140), “a história da pobreza e da falta parece se perpetuar nesse contexto, uma vez que todos os nove filhos de Duzu não tiveram menos de dois filhos”. Assim, quando Ribeiro (2019) fala que das senzalas fomos para as favelas, ela se refere à herança escravocrata: a população negra, no período pós-abolição, não teve apoio do Estado e não foram criados mecanismos para sua inclusão social, econômica e política na sociedade brasileira.

Por conseguinte, ao falar de pobreza e desigualdade econômica no Brasil, temos que considerar raça como um fator determinante, já que nossa sociedade capitalista, tendo o racismo estrutural como base, institua e normaliza o fato de a maioria das pessoas negras “ganharem salários menores, submeterem-se aos trabalhos mais degradantes, não estarem nas universidades importantes, não ocuparem cargos de direção, residirem nas áreas periféricas nas cidades e serem com frequência assassinadas pelas forças do Estado” (ALMEIDA, 2020, p. 181).

Dos netos, três tinham lugar especial no coração da protagonista: Tático, Angélico e a menina Querença. Após a morte de Tático, menino de apenas 13 anos, para fugir do sofrimento, Duzu se embrenha na fantasia como uma forma de “ludibriar a dor”: “Foi retornando ali [ao morro] que Duzu deu de brincar de faz de conta. E foi aprofundando nas raias do delírio que ela se agarrou para viver o tempo de seus últimos dias” (EVARISTO, 2016, p. 35). Diante do “viver-morrer”, da miséria, das aflições e da fome agarrar-se aos delírios é uma forma de resistência para essa personagem que é muito oprimida pela estrutura social. Esse é o modo encontrado por ela para aliviar seu sofrimento. *A Ferocidade poética* é construída aqui (e no momento que Duzu faz a passagem) no seu voo nas asas do delírio que é descrito poeticamente: no meio de algumas roupas no varal, ela abre os braços como um pássaro e sobe nos céus:

Sobrevoava o morro, o mar, a cidade. As pernas doíam, mas possuía asas para voar. Duzu voava no alto do morro. Voava quando perambulava a cidade. Voava quando estava ali sentada à porta da igreja. Duzu estava feliz. Havia se agarrado aos delírios, entorpecendo a dor. E foi se misturando às roupas do varal que ela ganhara asas e assim, viajava, voava, distanciando-se o mais possível do real. (EVARISTO, 2016, p. 35)

Essa realidade da qual ela escapa e se distancia é cruel e para a personagem, a época em que esse sofrer é proibido é a do carnaval:

Estava chegando uma época em que o sofrer era proibido. Mesmo com toda dignidade ultrajada, mesmo que matassem os seus, mesmo com a fome cantando no estômago de todos, com o frio rachando a pele de muitos, com a doença comendo o corpo, com o desespero diante daquele viver-morrer, por maior que fosse a dor, era proibido o sofrer. Ela gostava deste tempo. Alegrava-se tanto! Era o carnaval. (EVARISTO, 2016, p. 35)

Nessa descrição, notamos as violências que atravessam não somente Duzu, mas também os seus, ou seja, a população negra. A escrita de Evaristo, como estamos observando, é perpassada pela coletividade. Esse viver-morrer de Duzu e tantas outras pessoas semelhantes suas já acontece há séculos, fruto do racismo estrutural e institucional (ALMEIDA, 2020).

Para o carnaval, Duzu faz uma fantasia linda, feita de papéis recortados brilhantes e em forma de estrelas. Vestida com essa roupa e mergulhada nesses sonhos-visões, ela faz a passagem:

E foi escorregando brandamente em seus famintos sonhos que Duzu visualizou seguros plantios e fartas colheitas. Estrelas próximas e distantes existiam e insistiam. Rostos dos presentes se aproximavam. Faces dos ausentes retornavam. [...] Menina Querença adiantava-se mais e mais. Sua imagem crescia, crescia. Duzu deslizava em visões e sonhos por um misterioso e eterno caminho... (EVARISTO, 2016, p. 36)

A sua neta, a menina Querença, destaca-se e sua imagem cresce. Nesse sentido, direcionamo-nos ao nome do conto, “Duzu-Querença”, que, de início, parece o nome da protagonista, mas é o nome combinado de Duzu e de sua neta, Querença. A primeira

teve uma vida de exploração, violências e abuso; coube à segunda forjar novos caminhos. Querença, a partir das histórias da avó, busca novos sonhos para o futuro.

Percebemos neste conto a importância da ancestralidade, aspecto importante da literatura negra, pois existe o eco de vozes plurais e uma reapropriação da própria história e do povo negros com um olhar de valorização:

Menina Querença, quando soube da passagem da Avó Duzu, tinha acabado de chegar da escola. Subitamente se sentiu assistida e visitada por parentes que ela nem conhecera e de quem só ouvira contar as histórias. Buscou na memória os nomes de alguns. Alafaia, Kiliã, Bambene... Escutou assobios do primo Tático lá fora chamando por ela. Sorriu pesarosa, havia uns três meses que ele também tinha ido... Querença desceu o morro recordando a história de sua família, de seu povo. Avó Duzu havia ensinado para ela a brincadeira das asas, do voo. E agora estava ali deitada nas escadarias da igreja. (EVARISTO, 2016, p. 36)

Ela é aquela que “retomava sonhos e desejos de tantos outros que já tinham ido...” (EVARISTO, 2016, p. 34). No poema “Vozes-mulheres”, de *Poemas da recordação* (2017), é a voz da filha que recolhe em si a voz de suas ancestrais (tataravó, bisavó, avó, mãe) e é nela que “se fará ouvir a ressonância/O eco da vida-liberdade” (EVARISTO, 2017, p. 25). Na narrativa, é a voz de Querença que recolhe e retoma em si os sonhos e desejos de seus ancestrais, para que a vida de exploração que Duzu teve se transforme em vida-liberdade para as futuras gerações. Segundo Santos (2018, p. 114), o nome da menina ganha significado na medida em que “a constante falta ou o eterno ‘querer’ proposto pelo nome, mediante a narrativa, assinala os desejos não realizados da avó e de tantos outros parentes seus”.

A história de sua família e de seu povo (sua ancestralidade) parece ser uma fonte de força para Querença, impulsionando-a em direção a um futuro melhor; como na epígrafe, “*a cada instante os nossos antepassados nos vigiam e com eles aprendemos a atravessar os caminhos das pedras e das flores*” (EVARISTO, 2017, p. 111). Apesar “*das acontecimentos do banzo*”, que, no caso, dizem respeito à história sofrida de sua família, Querença sonha “*para além das cercas*” e segue ancorada na recordação de seus ancestrais.

À Duzu não foi dada a oportunidade de estudar, apesar de “ter cabeça para leitura”, assim, esse desejo de sua ancestral estimula Querença a construir novos caminhos por meio da educação:

E foi no delírio da avó, na forma alucinada de seus últimos dias, que ela, Querença, haveria de sempre umedecer seus sonhos para que eles florescessem e se cumprissem vivos e reais. Era preciso reinventar a vida, encontrar novos caminhos. Não sabia ainda como. Estava estudando, ensinava as crianças menores da favela, participava do grupo de jovens da Associação de Moradores e do Grêmio da Escola. Intuíra que tudo era muito pouco. A luta devia ser maior ainda. (EVARISTO, 2016, p. 36-37)

Dessa maneira, a menina de treze anos já vê no conhecimento uma ferramenta para romper com as barreiras impostas pela sociedade patriarcal-racista-sexista e sua ação de ensinar as crianças pequenas da favela se caracteriza como um ato de transformação da realidade:

A ação da menina de repassar conhecimento para o outro aponta para alguém que se quer agente da história, que se propõe a intervir no espaço e no modo como a história está sendo escrita. Tal intervenção, no espaço público, mesmo que esse ainda seja conscrito na favela, sinaliza mudanças. (SANTOS, 2018, p. 114)

Considerando que o racismo estrutural faz com que haja a desigualdade educacional entre pessoas negras e brancas (ALMEIDA, 2020), pois limita o acesso das primeiras a direitos básicos, como a educação, o conhecimento se caracteriza como uma forma de sair do lugar de subalternidade no qual as opressões racistas (e também classistas e sexistas) colocam a população negra. Assim, bell hooks em *Ensinando a transgredir* (2013), na introdução, fala sobre as escolas exclusivamente negras na época do apartheid nos Estados Unidos, nas quais aprendiam “desde cedo que nossa devoção ao estudo, à vida do intelecto, era um ato contra-hegemônico, um modo fundamental de resistir a todas as estratégias brancas de colonização racista” (HOOKS, 2013, p. 10). O estudo para as pessoas negras é um ato político e de resistência, assim como o ato de passar o conhecimento, ambos feitos por Querença, na esperança de um futuro diferente e mais digno.

Tendo em vista essas análises, percebemos nesta narrativa a presença das escrevivências de Evaristo na autorrepresentação de mulheres negras. A condição feminina de Duzu é perpassada pela interseccionalidade de diferentes opressões: ela é mulher, negra, pobre e prostituída. A menina é explorada primeiramente com o trabalho doméstico e depois, como prostituta; para a personagem, não houve escolhas além da exploração, das violências e do abuso. Desde cedo, inserida em ambientes violentos, Duzu se acostuma com “a morte como forma de vida”.

Segundo Evaristo (2020, p. 34), a “escrevivência nunca foi uma mera ação contemplativa, mas um profundo incômodo com o estado das coisas. É uma escrita que tem, sim, a observação e a absorção da vida, da existência”. Partindo de seu lugar de mulher negra no Brasil, a escrita de Evaristo é atravessada pela vida e existência de uma coletividade (a população negra brasileira) e a narrativa de “Duzu-Querença” nos causa esse profundo incômodo com o estado das coisas, não só pela realidade representada, mas também pelo modo como Evaristo elabora esse conto literariamente por meio das cenas de violência construídas com poeticidade, a *Ferocidade poética*, que nos desestabiliza. É necessário que nos incomodemos para que algo possa ser feito para transformar o futuro e construir novos caminhos.

Como modo de resistir às opressões e ao sofrimento de uma vida, Duzu se refugia nas asas do delírio e na fantasia, meios que encontra para ludibriar a dor. Entretanto, a sua neta Querença, nas asas da esperança, recolhendo os desejos e sonhos de seus ancestrais, valorizando a ancestralidade, já traça novos caminhos por meio da educação e do ensino. Assim como a escrita de Evaristo é um ato político, na medida em que é um contra-discurso à literatura produzida pela cultura hegemônica, construindo personagens humanizadas, que fogem aos estereótipos; as ações de Querença para ensinar as crianças da favela e de se dedicar aos estudos também se constitui como um ato de resistência à desumanização a que a população negra é submetida.

Referências

- AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.
- BRITO, Maria da Conceição Evaristo. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. Rio de Janeiro, 1996. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Departamento de Letras, Pontifício Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. In: RODRIGUES, Carla; BORGES, Luciana; RAMOS, Tania Regina Oliveira (Org.). *Problemas de gênero* (ensaios brasileiros contemporâneos). Rio de Janeiro: Funarte, 2016, p. 149-168.
- EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado; LOPES, Goya (Org.) *Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/viewFile/4365/4510>. Acesso em: 16 jul. 2019.
- EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.
- EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica. In: RODRIGUES, Carla; BORGES, Luciana; RAMOS, Tania Regina Oliveira (Org.). *Problemas de gênero* (ensaios brasileiros contemporâneos). Rio de Janeiro: Funarte, 2016, p. 399-416.
- GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- MELO, Mônica de; TELES, Maria Amélia Almeida de. *O que é violência contra a mulher*. São Paulo: Editora brasiliense, 2017. Não paginado.
- NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- NUNES, Davi. Banzo: um estado de espírito negro. *Portal Gelédes – Instituto da Mulher Negra*, 30 de abril de 2018. Disponível em:

https://www.geledes.org.br/banzo-um-estado-de-espirito-negro/?gclid=CjwKCAjwuqiiBhBtEiwATgvixJRHclYf1D5W5L8jo32UFW3mSHtQUOZYncdXzpauqUs6LVqtBwdYchoCJboQAvD_BwE. Acesso em: 27 abr. 2023.

PEREIRA, Maria do Rosário A. Representações femininas em “Duzu-Querença” e “Olhos d’água”. In: DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário (Org). *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. 1ª edição. Belo Horizonte: Idea, 2018.

RIBEIRO, Djamila. A questão das mulheres negras precisa ser central. In: RODRIGUES, Carla; BORGES, Luciana; RAMOS, Tania Regina Oliveira (Org.). *Problemas de gênero* (ensaios brasileiros contemporâneos). Rio de Janeiro: Funarte, 2016, p. 21-26.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SANTOS, Mirian Cristina dos. *Prosa negro-brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

SILVA, Franciane Conceição da. *Corpos dilacerados: a violência em contos de escritoras africanas e afro-brasileiras*. Belo Horizonte, 2018. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

SILVA, Maria do Desterro da Conceição. *Violência-resistência em “Duzu-Querença” e “Ana Davenga”, de Conceição Evaristo*. Teresina, 2017. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Piauí.

Recebido em 22/04/2023

Aceito em 20/06/2023